

OTIMIZAÇÃO DO CONSUMO ANIMAL EM FUNÇÃO DA ALTURA DE MANEJO DA PASTAGEM NATIVA

Coordenador: JAMIR LUIS SILVA DA SILVA

Autor: Marcelo Ritzel Tischler

Estudos apontam que as pastagens nativas do Rio Grande do Sul apresentam disponibilidade de forragem semelhante a de pastagens cultivadas, apresentando, portanto, condições de suprir as necessidades de consumo de forragem dos animais. Conhecer as relações entre plantas e o animal é importante para otimizar o uso dessas pastagens, criando um ambiente não limitante ao potencial de produção animal. O processo de pastejo consiste em o animal procurar a estação alimentar e então realizar uma ou mais bocadas. A estação alimentar pode ser comparada a um prato com alimentos, ou seja, ela é definida pelo momento em que o animal fica parado com as quatro patas em contato com o solo, com a cabeça baixa, movimentando-a lateralmente dentro do alcance do pescoço, fazendo a apreensão da forragem ali disponível (Foto 1). A velocidade de ingestão e o consumo médio diário de forragem dependem das características da estrutura do pasto e da capacidade do animal. A massa do bocado está relacionada ao seu volume (área x profundidade de bocado) relacionando-se diretamente à sua dimensão. Em Unidades de Observação Experimental (UOE), piquetes, do Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da UFRGS, avaliaram-se os efeitos da estrutura da pastagem nativa na ingestão de forragem de terneiras e ovelhas. As condições da pastagem foram quatro alturas de manejo do pasto (4, 8, 12 e 16 cm), com duas áreas repetidas. O consumo de forragem foi estimado pela diferença do peso vivo (PV) dos animais, vestidos com o coletor de fezes e urina, antes e depois do pastejo, com correção pelas perdas metabólicas. A taxa de bocados foi determinada pela relação entre os movimentos mandibulares, registrado pelo monitoramento automático do aparelho IGER Behaviour Recorder, e o tempo efetivo de alimentação. A profundidade do bocado foi determinada a partir da medição de 40 perfilhos demarcados, por piquetes (UOE), antes e depois do pastejo. A profundidade do bocado é semelhante entre as duas espécies animais avaliadas, independente da altura do pasto. Porém, existe uma correlação positiva da variável com a altura média do pasto ($Y = 0,8542x + 0,0805$), mas uma correlação negativa com a densidade do pasto, mantendo uma proporção de remoção vegetal em torno de 50% em relação ao comprimento do perfilho estendido. Com alturas maiores que 11,4 cm e 9,5 cm, a profundidade de bocado das terneiras e ovelhas, respectivamente, não compensam a

dispersão de lâminas e a menor densidade de forragem nos estratos mais superiores, forçando os animais a coletar menos folhas por bocado, reduzindo assim a massa do bocado. Para as terneiras, a partir daquela altura, diminui a capacidade de ampliar a área de bocado com o auxílio da língua. O número de movimentos mandibulares permanece praticamente igual quando se comparam as diferentes massas de bocado. Em maiores massas ingeridas por bocado há mais movimentos de mastigação, enquanto que para massas menores, o processamento leva menos tempo possibilitando maior taxa de bocados de apreensão. Os animais compensam a diminuição na massa do bocado diminuindo a taxa de mastigação e aumentando, então, a taxa de bocado. Há diferença nos movimentos mandibulares, entre as espécies, uma vez que os ovinos apresentam movimentos exclusivos para mastigação e apreensão, enquanto que os bovinos fazem uma sobreposição dos movimentos, diminuindo o intervalo entre bocados. Para os bovinos, as taxas de bocado são bastante parecidas quando em outros ambientes de pastejo, como em pastagens de azevém perene (*Lolium perenne*) e capim dos pomares (*Dactylis glomerata*). Por outro lado, os ovinos, em diferentes pastagens, apresentam maior variação das taxas. A velocidade máxima de ingestão ocorre nas alturas em que a massa de bocado é maior. Em áreas experimentais chega-se a valores de 0,683 g de MS.min⁻¹.Kg de PM-1 (PM=peso metabólico) e 0,467 g de MS.min⁻¹.Kg de PM-1 para terneiras e ovelhas, respectivamente. Assim, em uma situação hipotética num ritmo médio de pastejo, a uma velocidade de 0,480 g de MS.min⁻¹.Kg de PM-1, levaria a um consumo de 3,8 e 7,8 Kg de MS para ovelhas e terneiras. Nessa condição uma terneira de 180 Kg de peso vivo, que requer de consumo de forragem 4,5 Kg de MS.dia⁻¹, levaria cerca de 208 minutos pastando para atingir sua necessidade. E uma ovelha de 60 Kg de peso vivo, com requerimento de consumo de matéria seca em torno de 1,5 Kg, necessitaria de 142 minutos de pastejo. Para otimizar a utilização da pastagem nativa, em produção de ovelhas e terneiras, o ideal é manter a estrutura do pasto a uma altura de 9,5 e 11,4 cm, para as respectivas espécies. Nessas alturas a massa e a profundidade de bocado e a velocidade de ingestão de forragem são maiores. Estas informações requerem do produtor um acompanhamento simples de medidas da altura de manejo das pastagens nativas, o que pode ser realizado com um caminhamento semanal pelos poteiros.